

## Resenha

FRANKL, Victor. **A questão do sentido em psicoterapia.** Campinas: Papyrus, 1990.

O livro de Victor Frankl foi publicado há muitos anos, mas conserva atualidade pelo diálogo que obriga entre a Filosofia e a Psicologia. Ele possui introdução, três conferências e um esboço autobiográfico. Nestes textos enfrenta uma questão fundamental que ocupou parte significativa dos filósofos no século XX: possui a vida humana um sentido? Esta questão se mistura a outras de caráter existencial que ajudam a clareá-la. Eis algumas: será que a finitude da existência aniquila seu sentido? O sofrimento físico e mental contribui para a elaboração do sentido ou o destrói? Como pensar o sentido diante daquilo que nos acontece? Exemplo do que nos ocorre é uma doença incurável ou ser levado para o campo de extermínio. É para enfrentar estas questões que Frankl escreveu este livro. A pergunta é essencialmente filosófica e ela será tratada assim. No entanto, o autor estende as conseqüências da meditação para o campo da Psicologia ao colocar a questão do sentido como eixo orientador de uma abordagem psicológica que ele desenvolve. Entender o modo como filosoficamente Frankl pensa o problema do sentido e depois perceber os resultados que daí deriva para a Psicologia é o que confere nexos ao livro.

Victor Frankl começa sua obra retomando a questão que Albert Camus consagrou como a única digna de ser efetivamente me-

ditada: como é o sentido da vida humana? A vida vale a pena ou o suicídio é o que se nos oferece como alternativa mais plausível? O filósofo francês trata a questão do sentido nos romances *A Peste* e *O Estrangeiro*, bem como nas peças de teatro *Calígula* e *Os Justos*. Ao optar pelo sentido construído pelo existente coloca em evidência o problema da liberdade humana, pois nela reside o sentido e não numa construção lingüística rebuscada ou erudita. Este sentido da vida como expressão de liberdade é assunto fundamental dos existencialistas observa outro filósofo francês Roger Garaudy. A vida não tem um sentido prévio ou pronto, ele diz, "como se tem uma casa ou uma conta no banco. Seria (se assim fosse) um cenário já escrito, fora de nós e sem nós; teríamos apenas que representar aparentando crer em nossa liberdade." (*Palavra de homem*, p. 52).

A questão do sentido para Frankl vai além da meditação filosófica porque o problema expresso pelo sentimento de vazio de sentido obrigou as pessoas hoje em dia a procurar o psicólogo e o psiquiatra. O vazio existencial e a depressão são as doenças do século XXI e isto aumenta o interesse pelo livro de Frankl. O homem não sabe o que quer e esta ignorância não apenas serve para ele meditar melhor sobre a vida, "a sensação de falta de sentido é patogênica, isto é, leva a doenças, a neuroses específicas." (p. 20). Este

\* Doutor em Filosofia e Professor da UFSJ-MG.

sentimento se manifesta de muitos modos como: na chamada crise de meia idade ou no medo do domingo tão comum em nosso tempo. Em ambos os fenômenos o que verdadeiramente aparece é a falta de sentido. Esta falta de sentido coloca em evidência o problema de ir além de si, trata-se da auto-transcendência sem a qual a vida parece ficar sem sentido. Afirma o autor:

O homem não é apenas um ser que reage e ab-reage, mas também que se autotranscende. E a existência humana aponta para além de si mesma, mostra sempre algo que não é de novo ela mesma – a algo ou alguém, a um sentido, ou a um ser companheiro. (p. 29).

O que há de singular nesta posição de Frankl é que ele coloca a questão do sentido como sendo de interesse primário do homem e não como meditação que lhe confere algo a mais, algo que lhe adensa o sentido, mas sem o qual é possível viver. O sentido para Frankl é questão fundamental. Ao referir-se ao comportamento dos prisioneiros nos campos de concentração fica claro o que ele quer dizer: “não foi menos importante a lição que eu pude levar para casa de Auschwitz e Dachau: que os mais capazes, inclusive de sobreviver a tais situações-limite, eram os direcionados para o futuro, para algo ou alguém que os esperava.” (p. 34). Esta questão filosófica fundamental foi deixada de lado pelos psicólogos, comenta o autor. Os psicanalistas a consideram parte dos processos psicodinâmicos e os comportamentalistas um tipo de aprendizagem que precisa ser removido para que o sujeito fique “espontaneamente curado.” (p. 37). Ora o problema não pode ser resolvido deste modo, a falta de sentido é um tipo de sofrimento, mas não uma doença no sentido médico ou uma ignorância a ser suprimida. Também não se confunde falta de sentido com desespero, pois este último só ocorre quando a pessoa não enxerga sentido para o sofrimento. E aqui surgem questões fundamentais: A vida tem sentido e se tem podemos nós comunicá-lo? Frankl considera que a vida tem sentido e que podemos percebê-lo. Com isto não invalida o trabalho dos psicanalistas, pois muita coisa tida como sentido deve ser desmascarada,

mas tentar desmascarar o problema do sentido produz uma deshumanização, porque estamos diante de “um fenômeno que não se deixa desmascarar porque é autêntico” (p. 41). A conclusão de Frankl é que “o homem é um ser à procura de sentido” (p. 45). E considera que esta questão fundamental da filosofia existencial seja o centro de sua uma orientação psicológica. A raiz desta linha psicológica é

a intencionalidade no sentido de Brentano, Husserl e Scheler, que produz a relação com os sujeitos intencionais, ou seja, entre os atos intencionais que deles provém e os objetos intencionais. Tão logo deixemos de contemplar o ser sujeito do sujeito, nós perdemos de vista que ele tem objetos próprios. (p. 35).

Trata-se, portanto, de uma psicologia fenomenológica como as de Karl Jaspers, Ludwig Binswanger, o representante da Escola gestáltica de Berlim Wolfgang Köhler, além do que escreveu o existencialista e personalista Gabriel Marcel, filósofos e psicólogos cujos nomes Frankl cita textualmente em sua autobiografia, o último dos textos do livro (p. 112).

As questões associadas ao sentido foram desenvolvidas em três conferências que Frankl pronunciou sobre o sentido e valor da vida na Universidade para o povo em Viena-Ottaring. Ele entende que o pensamento europeu reconheceu a dignidade humana com a formulação ética de Immanuel Kant, mas depois vieram as guerras e em especial a Segunda Guerra Mundial onde o homem foi colocado a serviço da morte. Nos campos de refugiados os presos não valiam o prato de sopa e a vida humana foi exterminada em massa, a sociedade européia desonerou-se da dignidade. Esta atitude não foi uma decisão coletiva, o reconhecimento do valor da vida é singular. Isto se demonstra pela atitude do chefe nazista que gastava o próprio dinheiro para comprar remédio para os doentes do campo. No mesmo Campo havia prisioneiros mais antigos que maltratavam os companheiros recém-chegados. A direção fundamental assumida por Frankl remonta a Kant, viver é um dever. Há alegria na vida, mas ela não é um fim, apenas o resultado.

Quanto ao sentido a questão se apresenta na pergunta: "O que a vida quer de mim? Que tarefa a vida espera que eu realize?" (p. 69). A resposta não pode ser retirada da situação concreta, o aqui e agora do sujeito. Ela não se separa da condição existencial do sujeito. E se a vida de que falamos for a de um humilde auxiliar de alfaiate, a vida dele tem sentido? Ela o terá se este alfaiate não espera possuir outras responsabilidades de pessoas que ele inveja. Dá-se sentido à vida amando e todos podem fazê-lo até o mais humilde dos alfaiates. No entanto a questão não se limita ao amor, dá-se sentido à vida também com o sofrimento, pois com o sofrimento o homem "toma posição em relação à limitação de suas possibilidades de vida, enquanto elas dizem respeito a seu agir e ao seu amar, assim como ele se comporta com essas limitações – como assume seu sofrimento sob tais circunstâncias." (p. 73). Se a vida tem um sentido, o sofrimento que o ajuda a responder às questões da vida também terá. A questão do sentido termina com a finitude? Não responde o autor do livro, se fossemos imortais não teríamos nenhuma urgência de realizar qualquer tarefa. É porque somos mortais que parece cheio de sentido se dedicar a algo. "A morte significa a pressão para tal. Assim a morte constitui o fundo sobre o qual o nosso ser é exatamente um ser responsável." (p. 75). Assim se chega ao fim da primeira das conferências com a seguinte conclusão: "a morte pertence à vida tão plenamente como o sofrimento. Nenhum dos dois torna a existência do homem sem sentido, mas antes plena de sentido." (p. 76).

A conferência seguinte enfrenta mais especificamente a questão do sofrimento. Há um tipo especial de sofrimento que não é do corpo, mas do espírito. A vida psíquica pode adoecer, mas o pensamento não. Gostaríamos de apagar o sofrimento de nossa vida? Apagar tudo de triste de nossa memória, as decepções amorosas, as perdas financeiras, as pessoas que nos deixaram. Responderemos que não, pois "sabemos o quanto estamos inteiramente amadurecidos, ainda que em áreas e tempos marcados pelo desprazer de nossa existência." (p. 83). Um homem que perdeu a perna só perde o sentido se sua vida pudesse ser reduzida a ser

corredor. Deste sofrimento poderá nascer um novo sentido, talvez até se torne uma pessoa melhor apesar de não ter uma perna. Frankl relata que uma senhora internada que ouvia vozes se mostrava feliz por não ser surda, mesmo sabendo quanto sofrimento as vozes traziam. Aqueles que diante da morte sentem-se realizados com o que a vida lhes proporcionou são exemplos de pessoas que souberam passar pelo sofrimento sem afetar a questão do sentido. Eis o que nos fica desta segunda conferência: "se a vida se nos apresenta pura e simplesmente plena de sentido, então resultará mais tarde que também o sofrimento será integrado no sentido, fará parte do sentido da vida." (p. 95).

Na terceira conferência Frankl examina o comportamento dos presos no Campo de Concentração. Em seu trabalho diário estes homens sofridos e doentes pensavam apenas no prato de sopa que lhes seria servido à noite. Não tinham as preocupações comuns das pessoas como ir ao trabalho, pagar as contas da casa, levar os filhos na escola. Esta perda da vida singular e da própria história começava com a chegada do prisioneiro no Campo. Do preso eram retirados todos os pertences, ficavam somente os óculos e o suspensório. Até o cabelo era raspado. Junto com os pertences retidos era como se o seu passado também ali fosse entregue, diz o autor: "ele toma como inexistente toda sua existência até o presente." (p. 98). Passada a fase da eliminação do passado o homem cai numa existência pouco digna, especialmente quando se dedica a autoconservação ele perde toda dinâmica da vida interior. Então ele se torna um animal disputando alimento, sonha com o prato de comida e maltrata os mais fracos. Ele se faz um animal de manada, esconde-se no meio dos demais para não ser notado, faz um enorme esforço para diluir-se na massa. Mesmo sendo esta a atitude mais comum entre os prisioneiros, havia alguns que "ao invés de regredir, progrediram muito mais interiormente." (p. 100). Quais eram os homens que conseguiam manter a dignidade e até elevar-se espiritualmente em circunstância tão desfavorável? Aqueles que tinham uma direção para onde ir, um apoio transcendente à própria vida. "Esse apoio podia existir de duas formas: ou tratava-se de um

apoio no futuro, ou tratava-se de um apoio na eternidade.” (p. 101). Daí a comprovação prática da importância do sentido conclui o autor “lembrando as palavras de Nietzsche, que certa vez pronunciou a seguinte frase: quem tem um porque para viver, suporta quase tudo como [...] (como – são aquelas circunstâncias de vida que faziam tão difíceis a vida no Campo).” (p. 103). A última parte desta psicologia do prisioneiro trata do momento de sua libertação. Liberto não se alegrava, precisava aprender a sentir de novo. Ao retornar a sua cidade o ex-prisioneiro se magoa com o fato de que as pessoas ou diziam não saber de sua situação ou afirmavam que também sofreram. O desconhecimento confesso da maioria da população fez surgir a noção de culpa coletiva pelo que se passou nos campos de extermínio. Frankl não a aceita. Talvez todos tenham tido responsabilidade no que ocorreu, mas se pode ter responsabilidade sem ter culpa, como ocorre quando adoço e vou ao médico. Mesmo sem culpa pela doença adquirida sou responsável por pagar o profissional que cuida de mim. Os sobreviventes do campo tinham um pensamento que os deprimia, eles sabiam que os melhores não saíram vivos do Campo. Eis a lição fundamental: de que o sentido da vida preservou a dignidade e deu forças a quem o tinha para passar pelos momentos mais difíceis. A conclusão das três conferências é a seguinte: “o homem apesar de tudo – apesar da necessidade e da morte (primeira conferência), apesar do sofrimento físico ou mental (segunda conferência), ou sob o peso do destino no campo de concentração (terceira conferência) – pode dizer sim à vida.” (p. 109).

O livro termina com um texto autobiográfico. Nele Frankl relata os principais fatos de sua vida, associando-os as conclusões de suas conferências. O principal é que “a transitoriedade da vida não aniquila seu sentido.” (p. 112). Ele relata que durante a Guerra leu os escritos dos filósofos da natureza Wilhelm Oswald e Gustav Theodor Fechner (p. 113). Em sua vida profissional como médico estudou com especial interesse a psicologia experimental e a psicanálise. Em relação a esta última travou contato com discípulos diretos de Freud: Eduard Hitschmann e Paul Schilder

(p. 114). Apesar dos estudos de Psicologia e Medicina, Frankl lembra que foi sempre um leitor atento de Filosofia. Ele comenta que em 1939 “foi despertado do sono, despertado do psicologismo. Picou-me o conhecido Max Scheler, cujo *Formalismo da ética...* eu levava comigo feito uma bíblia.” (p. 118). A técnica psicoterápica que desenvolveu durante estes anos de sua vida tinha vínculo estreito com a fenomenologia existencial. Por isto a denominou Análise existencial, nome que adotou a partir de 1933. Em seguida relata como sua experiência no campo de concentração funcionou como uma espécie de experimento sofrido das ideias filosóficas que meditava. Ali a vontade de sobrevivência se manifestou como vontade de sentido e autotranscendência, uma autotranscendência pensada como estratégia de sobrevivência e não apenas como problema teórico. Neste texto esclarece melhor sua rejeição à tese da culpa coletiva, pois diz que apesar de sua família ter sido dizimada (perdeu pai, mãe, irmão e primeira mulher) houve que cuidou de outros parentes seus. Lembra de uma senhora católica que protegeu sua prima com o risco da própria vida e do comandante do campo de extermínio que os prisioneiros se negaram a entregar aos americanos e só o fizeram com a concordância de que nenhum mal lhe seria feito. “O comandante das tropas nomeou o homem da SS de novo comandante do campo e ele organizou a coleta de víveres e roupas para nós junto à população das aldeias locais.” (p. 125). Assim a questão da culpa é pessoal, não faz sentido falar de culpa coletiva. A questão ética da culpa atinge às pessoas individualmente. Depois de relatar sua vida profissional no período pós-guerra retoma a crítica à psicanálise no mesmo sentido que Jaspers também fazia ao dizer que “o psicólogo, porém, que também lá não pode parar de desmascarar, desmascara apenas a sua tendência inconsciente de desvalorizar o autêntico, o humano no homem.” (p. 132). E conclui que o sentido da própria vida é “ajudar os outros a verem o sentido de suas vidas.” (p. 132).

O livro de Victor Frankl é encantador ou talvez seja a sua vida que encante. Ele traz para o campo da Psicologia aspectos fundamentais da filosofia da existência, no-

tadamente a importância do sentido da vida como algo que não é feito de antemão, mas que decorre das escolhas.

Temos uma vida que tece o seu sentido. E a absurdidade do sentido diante da finitude humana mencionada por Camus e Sartre, o que ele diz? Frankl observa que a questão do sentido é algo que se capta na experiência da vida mesma, o sentido é comprovado na vida. E quanto ao fato das ciências ajudarem a formular a questão do sentido ou reduzi-la

a um problema psíquico como desejaram médicos e psicanalistas? O autor observa que este não é o caminho e que o autêntico no homem não pode ser revelado pelas ciências, pois o homem no que se refere à determinação do sentido e no exercício de sua liberdade existencial não pode ser reduzido a objeto.

O homem não é um feixe de reações ao meio externo ele é o porta-voz de questões que dirigem sua existência.